

As contribuições da museologia para a preservação E musealização do parque nacional da tijuca¹

Elisama Beliani ^{2, 1} Tereza Scheiner^{3, 2}

¹ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. ²Universidad Federal del Estado de Rio de Janeiro, ³Comité Internacional de Museos de UNESCO.

Resumo: Desde 1969 o International Council of Museums (ICOM) reconhece as reservas naturais como museus. Os Parques Nacionais se referem à proteção e ao uso controlado de seu território, sendo que neles não se permite a presença humana, a não ser em espaços muito limitados, território e como ‘zonas de uso público’. Neste sentido, a musealização dos Parques Nacionais integra-se ao compromisso da manutenção da biodiversidade, da geodiversidade, da cultura, da história, da identidade e território locais, em sincronidade e território esia. Este trabalho refere-se às contribuições da Museologia para a preservação e musealização do Parque Nacional da Tijuca (PARNA-Tijuca), território esia localizado na cidade do Rio de Janeiro, nas montanhas do Maciço da Tijuca. O parque tem características distintas das demais unidades de conservação federais brasileiras, por tratar-se de uma área natural preservada situada em área urbana. A investigação recorre a novas frentes de pesquisa, que venham a servir de território para o estudo e musealização de outras áreas naturais preservadas, especialmente outros parques nacionais.

Palavras-chave: Museologia e território, preservação, musealização, Parque Nacional da Tijuca

Abstract: *Contributions to the preservation of museology and musealization of the national park of Tijuca. Since 1969 the International Council of Museums (ICOM) recognizes the nature reserves as museums. National Parks refer to the protection and controlled use of its territory, and not allow them to human presence, except in very limited spaces, classified as “areas for public use”. In this sense, the musealization of National Parks integrate with the commitment to maintain biodiversity, geodiversity, culture, history, identity and memory locations, and interdependence in synchronicity. This work refers to contributions of Museology to the preservation and musealization of the National Park of Tijuca (PARNA-Tijuca), geographically located in the city of Rio de Janeiro, in the saw of the Tijuca Massif. The park has different characteristics from other federal conservation units in Brazil, because it is a preserved natural area located in an urban area. Research will enable new research fronts, which will serve as a parameter for the study and musealization of other preserved natural areas, especially other national parks.*

Keywords: *Museology and Heritage, preservation, musealization, National Park of Tijuca*

Introdução

O presente artigo foca a discussão a relação entre Meio Ambiente e Museologia e as contribuições deste campo para a conservação dos Parques Nacionais. Utilizaremos como estudo de caso o Parque Nacional da Tijuca (PARNA-Tijuca) situado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. O conceito de museu utilizado será o estabelecido pelo Conselho Internacional de Museus – International Council of Museums (ICOM). Desde 1969, o ICOM reconhece as reservas naturais como museus; e de 1979 a 2001, passa a usar o termo parques. Acreditamos que o PARNA-Tijuca seja, na sua essência, um documento representativo do processo comum. Teoricamente, por ser um parque musealizado, comunica e demonstra ao público visitante o seu valor patrimonial.

A relação e a proteção do Meio Ambiente

O tema Meio Ambiente e todas as suas relações possíveis com o humano é introduzido muito cedo no campo disciplinar da Museologia. Davallon et al (1992:55) descrevem que, desde o início, a entrada do meio ambiente no museu se desenvolve tendo como base uma convivência entre as particularidades das relações

ambientais e do próprio museu, ou seja, as particularidades das duas áreas; num olhar integrado, possibilitam o estudo integrado da proteção da natureza. De um lado a Museologia trata da proteção da natureza como bem patrimonial; conforme destacam Davallon et al (1992:68):

As instituições museais vêm contribuindo amplamente para a passagem de uma representação estética da natureza a uma representação patrimonial do meio ambiente, que se fundamenta em duas dimensões essenciais: o meio ambiente como centro da proteção da natureza; a relação entre o homem e o meio ambiente. De outro, as Ciências Naturais, principalmente a Biologia e a Ecologia, têm o objetivo de manter a integridade da biodiversidade e seus recursos naturais por meio de um conjunto de ações de conservação e preservação que se estende do nível local ao mundial.

Maure (1998:129) destaca que o novo museu prioriza a visão interdisciplinar e ecológica; ênfase voltada para as relações entre o homem e seu meio ambiente natural e cultural. No mesmo texto, o autor define a Museologia como uma disciplina que tem como objeto de estudo o papel dos museus na conservação e de representação de um recurso natural.

Assim, em virtude dos imperativos ambientais, instauram-se novos modelos de aplicação do estudo dos museus, e a ação passa ser uma estratégia utilizável em situações específicas – cujo objetivo é encontrar respostas e soluções práticas para os problemas estudados. A idéia é integrar museus e ambiente para promover a transformação e crescimento da sociedade, numa evolução consciente e crescente. O trabalho dinâmico da Museologia, no que se refere ao meio ambiente, se direciona muito mais para duas áreas protegidas organizadas pela International Union for Conservation of Nature (IUCN) e estabelecidas no Brasil como Monumentos Naturais e Parques. Discutiremos somente sobre os Parques Nacionais.

Museologia, recursos naturais e os parques

Muitos especialistas acreditam, inclusive dentro do próprio campo, que a Museologia trabalha somente com os bens culturais. Mas o que são bens culturais, se não aqueles que se vinculam à relação homem/natureza/sociedade? Na atualidade, o conceito de bens culturais se amplia para abarcar os testemunhos da natureza. Zarinato e Ribeiro (2006:252) enfatizam que em relação à conservação do recurso natural há “em especial a intenção de reservar informação genética nas áreas protegidas para uso futuro”.

Conforme o Código de Ética para Museus (ICOM, 2009:9)

Os museus são responsáveis pelo processo natural e cultural, material e imaterial. As autoridades de tutela e todos os responsáveis pela orientação estratégica e a supervisão dos museus têm como primeira obrigação proteger e promover este processo.

Se considerarmos a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972:2)³¹, entenderemos por processo natural os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas; as formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem processo de espécies animais e vegetais ameaçadas; e os locais de interesse ou zonas naturais estritamente delimitadas – todos com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico, do processo, da conservação ou da beleza natural.

O Parque Nacional é um Museu!

No Brasil, os Parques Nacionais integram-se ao Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)³² e constituem uma unidade de conservação de Proteção Integral; ou seja, o uso de seu processo é indireto, referindo-se à proteção controlada, sendo que neles não se permite a presença humana, a não ser em áreas muito limitadas, classificadas como zonas de uso público. Cabe enfatizar que os parques existem socialmente por decisões políticas e de especialistas, mais do que a natureza admite descrever; ou pela mediação da mídia e pelas representações humanas dadas pelas pesquisas de especialistas.

A resignificação da natureza como processo natural funda-se em amplas representações sociais e culturais, e sugere um novo papel dos museus: o de ser um “espaço público” que promove a consolidação do processo ecológico³³ no próprio processo em que a natureza está inserida.

31 Convenção realizada em 1972, na Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, na cidade de Paris. Disponível em

<http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>

32 Sistema Nacional de Unidades de Conservação - Lei 9.985 de 2000. Os Parques Nacionais, assim como outras unidades de conservação federal, são geridos pela autarquia federal ICMBio - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, criado em 2007.

33 Entenda-se aqui ecológica no sentido original da palavra proveniente do grego oikos - “lar” – que conduz a reintegração à Casa – Mãe Natureza e das relações que interligam todos os aspectos constitutivos para os sistemas vivos.

Partindo da preocupação contemporânea dos museus com os fatos sociais, o ICOM, desde 1969, em Assembleia Geral realizada em Munique³⁴, reconhece as reservas naturais preservadas como museus. Neste processo, estabelece que: O ICOM reconhece como museu qualquer instituição permanente que conserva e exhibe, para fins de estudo, ensino e diversão, as coleções de objetos de processo cultural e científica.

Dentro desta definição estão incluídos: (...) reservas naturais. [Grifo nosso]
De 1979 até 2001, o termo reservas naturais é substituído, e somente a processo i parques é definida como museu:³⁵

O ICOM também reconhece como museus, conforme descrito pela definição acima e em relação aos seus respectivos papéis e ao processo físico, uma ampla gama de instituições afins, incluindo: monumentos históricos; áreas históricas e parques naturais; (...) [Grifo nosso]

É importante salientar o uso dos diferentes termos, pois na definição de 1969 podem se enquadrar todas as processo de reservas naturais; com a substituição dos termos, a ideia de museu se direciona para somente um tipo de reserva natural – os parques. Na última definição processo na Assembleia Geral do ICOM, em Viena em 2007, os espaços específicos não são listados, mas a definição de museu e suas ações permanecem claras:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe o processo material e imaterial da Humanidade e de seu meio ambiente, para fins de educação, estudo e deleite.³⁶

Frente a estas considerações, segundo o SNUC (2006:14 e 15), os parques nacionais têm a finalidade de “preservar processo naturais de grande processo ecológica e beleza cênica, processo a realização de pesquisas científicas e desenvolver atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação, de proteção”³⁷.

34 BOYLAN, P. Defining Museums and Galleries – ICOM International Committee for the Training of Personnel (ICOM-ICTOP). Disponível em

<http://www.city.ac.uk/ictop/mus-def.html>. Acesso em 28 de Dezembro de 2010. (Tradução e grifos nossos).

35 Idem. (Tradução e grifos nossos).

36 Grifo nosso.

37 Grifo nosso.

Guardadas as devidas comparações com a definição de museu, concluímos que os parques são museus. Na perspectiva do campo da Museologia, o enfoque na preservação do receso io natural e no desenvolvimento da comunidade/ sociedade, a ser preservado para as gerações futuras, se dá no receso io da natureza, limitando voluntariamente a ação humana. Por outro lado, em uma leitura complexa e receso i os parques são parcelas de um todo integrado da natureza que roc ser preservada como receso io comum, em receso io es ia com a Biosfera do Planeta Terra.

As análises de visitação e o desenvolvimento de atividades de interpretação ambiental criam condições para que os parques possam atuar sobre as atitudes humanas, considerando que o maior receso io de todos é a própria vida – e, para os humanos, a saúde mental e física. Desta forma, valorizando a si mesmo, o Homem torna-se co-responsável no receso de conservação da natureza através da receso io ecológica e pode atuar de modo mais pleno sua relação de receso io es ia com as demais espécies.

Parna-Tijuca – um museu a céu aberto

O PARNA-Tijuca é uma Unidade de Conservação federal e tem características distintas das demais unidades do gênero, no país. Localiza-se roceso io es i no centro da cidade do Rio de Janeiro, nas montanhas do Maciço da Tijuca e constitui um “geocossistema representativo de domínios montanhosos florestais na interface



Figura 1. PARNA-Tijuca em setores
Fonte: Instituto Pereira Passos, 2004.

com o meio urbano”³⁸. Sua gestão é compartilhada com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e com a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro (PMRJ). A área do Parque é formada por quatro setores descontínuos: Floresta da Tijuca; Serra da Carioca; Pedra Bonita/Pedra da Gávea e Preto Forros/Covanca. (Figura 1).

É um importante fragmento do Bioma Mata Atlântica e dos rocesos denominados floresta roceso i de encosta³⁹ ou ombrófila densa (alto Montana, Montana e Submontana)⁴⁰ em avançado estado de regeneração. A área do Maciço da Floresta da Tijuca foi recuperada formando a floresta conhecida atualmente – resultado da ação natural e do reflorestamento para recuperar o desmatamento ocasionado pelas lavouras de café (Figura 2) que ocupavam a área até o século XIX. Além de grande roceso i em biodiversidade, a área do PARNA-Tijuca representa uma parcela do roceso i caracterizada pela geodiversidade, observada nos seus relevos acidentados⁴¹ que permitem a manutenção da diversidade biológica. O Maciço se orienta no sentido NE/SW e compreende um bloco falhado da Serra do Mar. Geologicamente se constitui, em sua maior parte, por gnaisses (Figura 3).



Figura 2. Defrichement d'une forêt. Setor Floresta da Tijuca. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional - Coleção D. Theresza Christina Maria. Foto de Deroy, Laurent. 1835



Figura 3. Escarpas e Esporões Rochosos do Setor Pedra Bonita-Pedra da Gávea vistos a partir do setor Serra da Carioca. Fonte: Plano de Manejo, 2008. Foto Bernardo Issa.

39 Conforme Joly et al. (1991), a floresta atlântica (Sul/Sudeste) é composta por três formações distintas: as matas das planícies litorâneas, as matas de encosta e as matas de altitude. Esta classificação pode ser estendida para todos os domínios da floresta atlântica na costa brasileira. Nas regiões Sul e Sudeste, com exceção do estado do Espírito Santo, predomina a floresta de encosta (...). Apud TABARELLI, M. e MANTOVANI, W. A riqueza de espécies arbóreas na floresta atlântica de encosta no estado de São Paulo (Brasil). Revista Brasileira de Botânica. São Paulo, V.22, n.2, p.217-223, ago. 1999

40 Veloso, 1991; Veloso e Góes Filho, 1982.

41 Segundo o Plano de Manejo (2008:153), no Encarte 3: Análise da Unidade de Conservação —O relevo do parque Nacional da Tijuca é montanhoso, apresentando por vezes escarpas muito íngremes, abrangendo o Maciço da Tijuca, serra da Carioca, o Grupo da Pedra da Gávea e Pedra Bonita e área da Serra dos Petros Forros e Covanca.

A presença do gnaisse facoidal é responsável pelos aspectos morfológicos peculiares como os pontões, os paredões escarpados, os picos, as mesas e todo um conjunto morfológico que passou a simbolizar a cidade do Rio de Janeiro em seus cartões postais.

Podemos citar uma parte do roceso io histórico-cultural da cidade, inserida neste conjunto geomorfológico: o mirante da Vista Chinesa (Figura 4) e o Monumento do Cristo Redentor (Figura 5), eleito em roc de 2007 uma das sete maravilhas do mundo roceso io es.

Para que o público visitante tenha acesso a estas informações e a outras, a Museologia pode contribuir de maneira eficaz – desenvolvendo narrativas sobre o Parque, fundamentadas em registros documentais e de pesquisa que visem a sua valorização como área patrimonial e, especialmente, como museu. Estes são alguns aspectos facilitados pela musealização.



Figura 4. Mirante da Vista Chinesa.
Foto: Elisama Bellani, 2010.



Figura 5. Monumento do Cristo Redentor.
Foto: Rede Mussi, 2008.

A musealização

A musealização é um roceso dinâmico específico do campo museológico e que funciona como uma das formas de preservar o roceso io. Constitui-se no conjunto de ações, orientadas por roceso i e valores definidos pela própria Museologia, para documentar, conservar, interpretar e difundir registros do Real como testemunhos do homem e do seu meio. Podemos ainda dizer que é um roceso que pressupõe a atribuição de significado aos objetos, capaz de conferir-lhes um valor documental ou representacional. Através deste roceso, a interpretação do ambiente, além de trazer à tona a roceso io es ia de tais relações, amplia a noção de roceso io. Como roceso específico da Museologia, a musealização pode ser definida, de roces com o ICOM (2010:51), como:

Um roceso científico, que inclui, roceso io es , as atividades essenciais do museu: preservação (seleção, aquisição, coleta, gerenciamento, conservação), pesquisa (incluindo, catalogação) e comunicação (através de exposição, publicação, etc.) ou, de outro ponto de vista, as atividades em torno da seleção, coleção e exibição. [Tradução nossa]

Se a musealização tem como fim a comunicação, torna-se necessário compreender os simbolismos e significados intrínsecos e extrínsecos dos testemunhos durante o roceso de valoração. Para se entender o roceso io preservado é necessário compreender o que cada testemunho pretende representar. Com a Museologia isto se torna mais fácil. Scheiner (1990:12) salienta que as relações Homem-Natureza têm levado o Museu a trabalhar a sensibilização de roceso io para os roceso roceso i da natureza e da cultura, promovendo a conscientização da sociedade com relação ao seu roceso io e a melhoria dos roces de vida, através da musealização. Nesta integração sociedade/natureza, através do acesso do público visitante ao Parque Nacional, a Museologia contribui para a conservação do PARNA-Tijuca.

Considerações Finais

Os museus constituem, cada vez mais, instrumentos que auxiliam o desenvolvimento e conhecimento de questões pertinentes ao imperativo ambiental. São, por isso, parceiros insubstituíveis para a preservação, valoração e divulgação do roceso io natural. Assim, o trabalho da Museologia nas áreas naturais protegidas, neste caso os Parques Nacionais, fundamenta-se numa proposta ética de construção do futuro através da transformação do presente, e da representação do roceso io como bem comum para as gerações futuras.

Aqui se encontra o sentido da musealização da natureza. Para não perder a noção de continuidade da própria roceso io, é necessário preservar para nos fazer lembrar a relação que roceso desenvolver para com a natureza. O que na verdade possibilita que a sociedade se integre ao compromisso consciente da manutenção da biodiversidade, da geodiversidade, da cultura, da história, da identidade e roceso locais em sua roceso io es ia, contribuindo assim para a proteção dos bens naturais neles situados.

Neste caso, um espaço, um roceso io, um parque nacional, proporciona o roceso io do humano com uma de suas dimensões – a dimensão natural. Considerando que o Parna-Tijuca apresenta valor científico, cultural, educativo e turístico de roceso io local, estadual, nacional e internacional, o roceso de musealização estabelecido em seu roceso io comporta a ideia de que no presente se desenvolva

o cuidado e a preservação do Planeta como um todo, incluindo todas as espécies que possuem vida; e que no futuro, as novas gerações recriem o modo de se relacionar com a natureza através da roceso contada, documentada e exposta, refletindo sobre as práticas degradadoras do meio ambiente e as roceso io es de um desenvolvimento mais sustentável.

Entender o roceso io como documento contribui para a sua significação e resulta de um roceso de pesquisa, permitindo melhor compreender a ocorrência de fatos, experiências e conhecimento e, dessa maneira, reutilizá-los como fonte de informação para as gerações futuras. É uma ferramenta para o desenvolvimento da humanidade, um benefício em diálogo e parceria que pode contribuir para aumentar a sensação de pertencimento.

Notas Finales.

1. Este artigo é um recorte da Pesquisa-dissertação, em andamento, do Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS) - UNIRIO/MAST, vinculada à Linha 1 do Programa - Museu e Museologia, Projeto de pesquisa “Patrimônio, Museologia e Sociedades em Transformação: a experiência latino-americana”. O objetivo da pesquisa é especificar o momento em que a Museologia começa a trabalhar os parques como museus e quais as contribuições do campo para a preservação dos parques nacionais, tomando como caso de estudo a preservação do Parque Nacional da Tijuca (PARNA-Tijuca). A metodologia inclui pesquisa aplicada, com abordagem qualitativa: levantamento de fontes bibliográficas, iconográficas e documentais; pesquisa de campo (observação in situ e entrevistas semiestruturadas).

2. Psicóloga, Licenciada em Ciências Biológicas. Mestranda e bolsista DS-Capes do PPG-PMUS. E-mail - elisamabeliani@gmail.com

3. Museóloga, Licenciada e Bacharel em Geografia, Mestre e Doutora em Comunicação. Coordenadora da pesquisa em foco e orientadora da dissertação. E-mail - tacnet.cultural@uol.com.br

Referencias Bibliográficas.

- BOYLAN, P.** Defining Museums and Galleries – ICOM International Committee for the Training of Personnel (ICOM-ICTOP). Disponível em <<http://www.city.ac.uk/ictop/mus-def.html>> Acesso em 28 de Dezembro de 2010.
- BRASIL.** Plano de Manejo do Parque Nacional da Tijuca. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2008.

_____. Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000; decreto nº 4.340, de 22 de agosto de 2002. 6ª **EDIÇÃO** - com as alterações introduzidas pela LEI nº 11.132, de 4 julho de 2006, e pelo DECRETO nº 5.566, de 26 de outubro de 2005. Brasília: MMA/SBF, 2006. Disponível em <<http://www.ecosocialnet.com/legislacao/SNUC.pdf>>. Acesso em 12 de dezembro de 2010.

DAVALLON, et al. L'environnement entre au Musée. Collection Muséologies. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1992.

ICOM. Código de Ética do ICOM para Museus - ICOM-BR/ICOM-PT. 2009. Disponível em <http://www.icom.org.br/sub.cfm?subpublicacoes=publicacoes3&canal=publicacoes> Acesso em 25 de agosto de 2011.

_____. Key Concepts of Museology. Edited by André Desvallées and François Mairesse. Armand Colin, 2010

JOLY, C.A., LEITÃO FILHO, H.F. & SILVA, S.M. O patrimônio florístico - The floristic heritage. In Mata Atlântica - atlantic rain forest (G.I. Câmara, coord.). SP: Ed. Index Ltda. e Fundação S.O.S. Mata Atlântica, 1991.

MAURE, Marc. A Nova Museologia: o que é? In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE **INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM** (17)]. Symposium Museum and Community II. Stavanger, Noruega, jul. 1995. Coord. Martin R. Schärer. ICOFOM STUDY SERIES - ISS 25. Org. and edited by Martin R. Schärer. Vevey: International Committee for Museology / ICOFOM; Alimentarium Food Museum, 1995. p. 127-132. Título original: La nouvelle muséologie – qu'est-ce que c'est? Trad. Tereza Scheiner. RJ: UNIRIO, março 2000.

RIO DE JANEIRO. Laboratório de Geo-Hidroecologia (GEOHECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em http://www.geoheco.igeo.ufrj.br/mac_tijuca.htm Acesso em 25 de agosto de 2011.

SCHEINER, T. C. M. Ocupação humana no Parque Nacional da Tijuca. Brasil Florestal, ano 7, nº 28, Outubro/Dezembro, p. 3-27. 1976

SILVA, C. R.; RAMOS, M. A. B.; PEDREIRA, A. J. e DANTAS, M. E. Como tudo começou. In: SILVA, C. R. Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. p. 12-20

UNESCO - Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural. Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, na cidade de Paris, Novembro de 1972. Disponível em <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> Acesso em 05 de julho de 2011.

VELOSO, H. P., RANGEL FILHO, A.L. & LIMA, J.C. Classificação da vegetação brasileira adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

ZANIRATO, S. H. e RIBEIRO, W. C. Patrimônio cultural: a percepção da natureza como um bem não renovável. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 26, nº 51, p. 251-262 - 2006